

**“VIVER À MODA BEBÊ”: UM CONVITE À VIVÊNCIA ETNOGRÁFICA COM
BEBÊS**

**LIVING THE BABY MODE: AN INVITATION TO THE ETNOGRAPHIC
EXPERIENCE WITH BABIES**

Ana Paula Gomes Cuzziol¹

Jader Janer Moreira Lopes²

RESUMO: Este artigo visa compartilhar estratégias metodológicas que foram utilizadas em uma pesquisa com bebês, realizada em turmas de bebês (4 a 24 meses), denominadas de Grupos de Referência da Educação Infantil 0, ou GREIs 0, em uma unidade municipal de Educação Infantil no município de Niterói (RJ). Na investigação, buscamos compreender a relação dos bebês com outros bebês e com adultos e como a aprendizagem e a cultura emergem dessas relações. A partir de um paralelo entre a vivência em campo e a base epistemológica que nos inspirou, refletimos sobre a contribuição da etnografia e seus grandes teóricos clássicos, como Geertz, Malinowski e La Plantine, e os desafios que nos impuseram a necessidade de buscar estratégias metodológicas que pudessem captar as especificidades dos bebês e suas linguagens expressivas. Nesse contexto, destacamos desde aquelas que exigem o posicionamento corporal do pesquisador durante a observação àquelas em que o uso de instrumentos tecnológicos se torna primordial na captação de ações em seus riquíssimos detalhes durante as interações.

PALAVRAS-CHAVE: Metodologia de pesquisa com bebês. Vivência entre bebês. Etnografia.

¹Graduada em Pedagogia Licenciatura (2004) pela Universidade Metodista de São Paulo, Especialista em Educação Infantil (2009) pela Universidad Nacional de Educación a Distancia – Espanha, Mestre em Educação (2013) pela Universidade Federal Fluminense - RJ. É pesquisadora associada ao Grupo de Pesquisas e Estudos em Geografia da Infância (GRUPEGI/CNPQ). Possui 20 anos de experiência na Educação Infantil, tendo assumido cargos em sala de aula, coordenação e direção pedagógica. Dedicou-se, principalmente, aos seguintes temas de pesquisa: Educação Infantil, Interações entre bebês, Relações socioculturais e aprendizagens na primeira infância, Desenvolvimento humano e Psicologia Histórico-Cultural. E-mail: anacuzziol@gmail.com

²Possui graduação em Geografia pela Universidade Federal de Juiz de Fora (1989), mestrado em Educação pela Universidade Federal de Juiz de Fora (1998), doutorado em Educação pela Universidade Federal Fluminense (2003) e pós-doutorado pelo Internationaler Promotionsstudiengang Erziehungswissenschaft/Psychologie- INEDD, da Universität Siegen, Alemanha. Atualmente é professor do programa de pós Graduação em Educação da Universidade Federal Fluminense e da Universidade Federal de Juiz de Fora, onde orienta mestrado e doutorado. Pesquisador da FAPERJ, do CNPq e CAPES. Atuou como membro do Grupo Gestor da Creche UFF. Coordenador do Grupo de Pesquisas e Estudos em Geografia da Infância (GRUPEGI). Foi vice coordenador do GT de Educação de Crianças de 0 a 7 anos da ANPED. Tem experiência na área de Geografia e Educação, Educação Infantil, Crianças e Infâncias, Desenvolvimento Humano e psicologia Histórico-cultural. Atua principalmente nos seguintes temas: Geografia – ensino/aprendizagem, Geografia da Infância e das Crianças, Educação Infantil, Desenvolvimento humano e Psicologia Histórico-cultural. E-mail: jjanergeo@gmail.com

ABSTRACT: This article aims to share methodological strategies that were used in a research with babies, carried out in groups of babies (4 to 24 months), called Child Education Reference Groups 0, or GREIs 0, in a municipal Preschool unit in the municipality of Niterói-RJ. During the research we seek to understand the relationship between babies and other babies and adults, and how learning and culture emerge from these relationships. Based on a parallel between field work and the epistemological theoretical basis, that inspired us, we reflected on the contribution of ethnography and its great classical theorists, such as Geertz, Malinowski and La Plantine, and the challenges that imposed the need to seek for methodological strategies that could capture the specifics of babies and their expressive languages. In this context, we highlight strategies that goes from those that require the researcher's body position during observation to those in which the use of technological instruments becomes primordial for capture actions that are very rich in details during its interactions.

KEYWORDS: Methodology for babies research. Living among babies. Ethnography.

*Por viver muitos anos dentro do mato
moda ave
O menino pegou um olhar de pássaro -
Contraíu visão fontana
Por forma que ele enxergava as coisas
por igual
como os pássaros enxergam
As coisas todas inominadas
Água não era ainda a palavra água
Pedra não era ainda a palavra pedra*

*E tal
As palavras eram livres de gramáticas e
podiam ficar em qualquer posição
Por forma que o menino podia inaugurar
Podia dar às pedras costumes de flor
Podia dar ao canto formato de sol
E, se quisesse caber em uma abelha, era
só abrir a palavra abelha e entrar dentro
dela
Como se fosse infância da língua.
(BARROS, 2004, p. 9)*

As palavras do poema de Manoel de Barros foram fontes de inspiração no início da nossa convivência entre os bebês. O início dessa trajetória trouxe conosco um montante de ideias e suposições emaranhadas à dúvida aparentemente impossível de ser respondida: Como realizar pesquisa com bebês? Como alcançar os objetivos traçados para um projeto que havia escolhido um berçário como foco de trabalho?

É importante dizer que estamos falando de uma pesquisa que ocorreu entre os anos de 2011 e 2013, em um momento em que dedicar estudos para os bebês ainda era algo pouco debatido no Brasil. Se, hoje, passados anos desse nosso trabalho, já podemos falar de um certo acúmulo de produção nesse campo, naquele momento não era algo tão presente nos estudos da infância.

A Unidade Municipal de Educação Infantil Lisaura Ruas, em Niterói- RJ, foi o local escolhido para a pesquisa. Buscávamos compreender como os bebês interagem entre si e com os adultos, quais são as formas de comunicação e expressão utilizadas, como a aprendizagem e quais processos culturais emergem dessas vivências. Em busca de respostas, concluímos que não haveria outra forma senão “estar entre os bebês”, acompanhar seu cotidiano na creche, observá-los, registrar suas ações, investigações e descobertas e compartilhar de suas brincadeiras, atuações e vivências.

Para tanto, escolhemos desenvolver uma pesquisa de inspiração etnográfica, iniciá-la adentrando o universo da origem da etnografia e resgatando saberes de grandes autores, como Geertz (1989), Malinowski (1976) e La Platine (1987). O estudo desses clássicos ocorreu concomitantemente à entrada no campo, o que possibilitou entrelaçar vivência e teoria, presente e passado, encontrar respostas e, talvez, certo acolhimento às angústias iniciais da pesquisa. Situações vivenciadas por esses autores, que estavam na origem dos pressupostos que iriam fundar a etnografia como uma importante dimensão teórico-metodológica, encontravam-se com as inquietações que também vivenciávamos no campo. As palavras de Geertz (1989, p. 37) representam oportunamente as incógnitas presentes no princípio dessa atividade: “Apesar de se iniciar qualquer esforço para uma descrição minuciosa, além do óbvio e do superficial, a partir de um estado de confusão geral a respeito do que, diabo, está acontecendo – tentando colocar os pés no chão – ninguém começa (ou não deveria) intelectualmente vazio”.

Os primeiros passos dessa caminhada foram marcados pelo anseio – certamente precoce – de alcançar um sentido e esclarecer as ideias. Foi nesse contexto, *a priori* desconexo e repleto de expectativas, que emergiu com força “o que trazíamos conosco”. E foi, justamente, nossa bagagem de conhecimentos, vidas e histórias que nos

impulsionaram na empreitada da busca por respostas científicas, vinculadas àqueles questionamentos iniciais. Possuíamos experiências, profissionais e (ou) acadêmicas, com crianças acima de 3 anos, mas pesquisar bebês era uma empreitada nova para ambos.

O desafio presente nos exigia a “visão fontana” do menino de Manoel Barros, alargada, ampliada, profunda, a ponto de compreender os bebês em sua relação com o contexto vivido, incluindo tudo que os constitui, principalmente no que se refere aos laços e aos encontros interpessoais com outros bebês e adultos de convivência.

Para alcançar tal fim, encontramos, também nos versos do poeta, a representação de nossa escolha de realizar a presente pesquisa. São as palavras a seguir que nos inspiraram analogicamente a pensar que não havia como compreender a dimensão social, histórica e geográfica dos bebês sem, como expresso anteriormente, “estar com os bebês” e “por muitos anos viver dentro do mato”, como diria o poeta.

Tais dizeres vão ao encontro da etnografia, cuja etimologia advinda do grego – *éthnos* (nação) e *grafí* (escrita) – representa uma abordagem de investigação científica do campo da Antropologia que visa estudar a cultura e o comportamento de determinados grupos sociais. Malinowski (1976) foi um defensor da etnografia. Seu grande legado foi considerar cada cultura em si mesma, ou seja, em suas peculiaridades, características e singularidades, evidenciando sua significação e coerência a partir de sua própria lógica de funcionamento.

Assumimos o desafio metodológico de considerar os “bebês em si”, como sujeitos culturais aptos a se relacionarem socialmente e capazes de participar, aprender, compartilhar conhecimento e produzir cultura. Dessa forma, romper com a lógica que possui como referência o adulto como “detentor” de cultura, revelando que os bebês, desde muito cedo, relacionam-se com a dimensão sociocultural do meio em que vivem, a partir de suas particulares formas de expressão.

Os bebês, por pertencerem à espécie humana, carregam desde o nascimento o legado da cultura e estão aptos para vivê-la (TOMASELLO, 2003). Por isso, sabíamos que, no campo de pesquisa, observaríamos mais que um contexto de satisfação de

necessidades fisiológicas dos bebês e, sim, um contexto coletivo de relações sociais entre bebês-bebês e bebês-adultos permeadas pela cultura. Percebíamos, a cada dia de pesquisa, de observação, o quanto os bebês contrariam toda concepção historicamente construída de que são “associais” e provam o quanto são extremamente capazes intelectualmente e dispostos a compartilhar significados com outros bebês, com os adultos, com o espaço e com a rotina.

Conquanto desprovidos do domínio da fala, mostram-se “gigantes” em sua capacidade de expressão/linguagens diversas diferenciadas! Os bebês da pesquisa nos exigiram que, libertos de quaisquer “amarras”, “nos entregássemos” completamente àquela vivência, buscando compreender esses “pequenos”, tão diferente de nós, em idade, em desenvolvimento, em estatura, em suas singulares formas de ser e estar no mundo. E assim fizemos.

Compreender esse universo sociocultural dos bebês só foi possível devido à escolha metodológica e política de não somente “estar com os bebês”, mas “estar no chão com os bebês”. O chão que nos permitia contemplar o campo de visão dos bebês, o chão onde aconteciam as interações entre os bebês, as investigações, as brincadeiras e aprendizagens, os diálogos, os atos de empatia e cuidados recíprocos, ou seja, o chão que marcava as alteridades daqueles grupos:

[...] as interações que se estabelecem entre sujeitos e lugares não são uma mera relação física, mas uma relação carregada de sentido e mediada pelos demais sujeitos que o ocupam. Nesse sentido, na apropriação e constituição do território, mescla-se uma dimensão simbólica, por onde perpassa a tensão entre a singularidade dos indivíduos que nele habitam e os arranjos sociais da coletividade, e não somente uma racionalidade cartesiana em sua apropriação. **Para Santos (2002, p.10) o território [...] deve ser compreendido [...] como “território usado”, o que ele compreende como sendo o “chão mais a identidade”.** (LOPES; VASCONCELLOS, 2006, p. 17 – grifos nossos)

Sentados no chão, com o campo de visão acerca de 85 cm de altura, “vivendo à moda bebê”, ocorreram as captações e os registros das interações, por meio de fotos, filmagens e diário de campo, enfim, ferramentas de pesquisa que nos aproximaram o máximo possível da vida coletiva iniciante e potente na tentativa de apreendê-la.

O convívio e a aproximação nos proporcionaram, com o tempo, a sensação de pertencimento, tornando-nos “uma parte daquele todo”: a presença do (da) pesquisador (pesquisadora) que se sentava no chão e conversava com os bebês, conviviam com eles com regularidade, que tinha canetas e um caderno, uma câmera em que os bebês podiam se ver, fazendo parte da realidade dos grupos. Foi uma pesquisa de entrega, abertura e fluência àquele movimento histórico vivenciado pelos bebês naquele determinado tempo e espaço escolar.

[...] E, através deste relacionamento natural, aprende-se a conhecê-los e a familiarizar-se com os seus costumes e crenças de forma muito mais conveniente do que quando se recorre a um informador pago e muitas vezes aborrecido. Existe uma diferença enorme entre uma escapela esporádica na companhia dos nativos e um contato real com eles. O que significa isto? Da parte do Etnógrafo, significa que a sua vida na aldeia – no início uma aventura muitas vezes estranha e desagradável, outras vezes intensamente interessante – **assume depressa um curso natural em harmonia progressiva com aquilo que o rodeia.** (MALINOWSKI, 1976, p. 22, grifos nossos)

O que trazem Geertz (1989), Malinowski (1976) e tantos outros autores contemporâneos que defendem a necessidade de imersão, entrega, vivência prolongada no campo de pesquisa denominada de “mergulho no campo” é, segundo La Plantine (1987), o que diferencia o etnógrafo de demais estudiosos de outras ciências, até mesmo das próprias Ciências Humanas e Sociais. No trecho abaixo, o autor ressalta as peculiaridades da etnografia e critica abordagens que desconsideram a história de origem dessa ciência e acabam por atribuir a ela características simplórias, como uma mera coleta de informações. Posteriormente, avança na discussão, revelando justamente o que vivemos na pesquisa, a entrega, a disponibilidade, o “sentar-se no chão”, o acompanhamento do cotidiano, ou seja, mostrando-nos que fazer etnografia é uma entrega de si ao outro, num mergulho muito mais profundo e intenso que o simples trabalho de recolhimento de dados:

Não se pode, de fato, estudar os homens à maneira do botânico examinando a samambaia ou do zoólogo observando o crustáceo, o que supõe que se compartilhe sua existência de maneira, que é fundadora da etnologia e da antropologia – a tal ponto que alguns dos mestres de nossa disciplina (estou

pensando particularmente em Boas) consideram que toda síntese é sempre prematura, e que alguns ainda hoje preferem qualificar-se de etnógrafos (J.Favret, 1977) – não consiste apenas em coletas, através de um método estritamente indutivo, uma grande quantidade de informação, mas impregnar-se em temas obsessionais de uma sociedade, de seus ideais, de suas angústias. O etnógrafo é aquele que deve ser capaz de viver nele mesmo a tendência principal da cultura que estuda. (LA PLANTINE, 1987, p. 149-150)

O “mergulho no campo” - como bem nos ensinou Malinowski (1976) -, que, na analogia poética de Barros, aparece como “viver dentro do mato”, favoreceu a ampliação de nosso olhar e nos possibilitou compartilhar aqui parte de tais reflexões do período em que vivemos “à moda bebê”, aproximando-nos analogicamente de “enxergar como os bebês enxergam”, “a sentir como os bebês sentem”, “pensar como os bebês pensam”, inclusive “viver o que os bebês vivem”, afinal, compartilhávamos do mesmo espaço, horários, rotina de grupo. Mesmo reconhecendo que a fronteira era o que nos esperava, o encontro entre as alteridades que forjam as diferenças mostrava-se como a única possibilidade de estar nessa relação.

Assim, foi possível observar muitos momentos, as relações, as brincadeiras, as épocas de adaptação e choro, as manifestações de fome próximas ao almoço, as inúmeras trocas após as refeições, os ciclos de virose, as febres, as épocas de calor em que ficavam de fraldinha, entre outras lembranças (CUZZIOL, 2013). A vida se fez e refez diariamente no cotidiano dos Grupos de Referência da Educação Infantil (GREIs 0), nesse espaço coletivo, onde tudo acontecia intensamente. Sem dúvida, falar sobre um campo de pesquisa cujos sujeitos são bebês é, certamente, falar sobre dinamismo permeado por relações e vivências, algumas vezes, impossíveis de serem previstas. Por mais que se planeje uma rotina, o dia a dia dessas turmas de bebês era uma tessitura dinâmica, muitas vezes desafiadora, contudo, sempre fascinante, de estabilidade por horas, seguida de instabilidades, simultaneidades, desafios, transformações. Como se trata dos desafios comuns do cotidiano, os autores clássicos citados defendem que fazer etnografia é, sobretudo, viver no contexto pesquisado, fazer parte da perspectiva “dos de dentro” (CORSARO, 2003, p. 01).

Estamos convictos de que a imersão na rotina, ainda que não diariamente, mas regularmente, acompanhando os bebês na creche, foi indispensável para aflorar a sensibilidade, refinar o olhar, compreender as relações e assim conseguir, inspirando-nos em Geertz (1989) elaborar uma “descrição densa”, significativa, detalhada, contextualizada dessa tessitura característica da vida coletiva no berçário. O autor define o empreendimento etnográfico não como técnicas tampouco como processos determinados, mas como um risco elaborado para uma descrição densa (termo de Gilbert Ryle). Para explicar o significado do termo, Geertz recorre ao exemplo dado pelo próprio Ryle:

Vamos considerar, diz ele, dois garotos piscando rapidamente o olho direito. Num deles, esse é um tique involuntário; no outro, é uma piscadela conspiratória a um amigo. Como movimentos, os dois são idênticos; observando os dois sozinhos, como se fosse uma câmara, numa observação “fenomenalista”, ninguém poderia dizer qual delas seria um tique nervoso ou uma piscadela ou, na verdade, se ambas eram piscadelas ou tiques nervosos. No entanto, embora não retratável, a diferença entre um tique nervoso e uma piscadela é grande, como bem sabe aquele que teve a infelicidade de ver o primeiro tomado pela segunda. O piscador está se comunicando e, de fato, comunicando de uma forma precisa e especial: (1) deliberadamente, (2) a alguém em particular, (3) transmitindo uma mensagem particular, (4) de acordo com um código socialmente estabelecido e (5) sem o conhecimento dos demais companheiros. [...] Suponhamos, continua ele, que haja um terceiro garoto que, “para divertir maliciosamente seus companheiros”, imita o piscar do primeiro garoto de uma forma propositada, grosseira, óbvia etc. Naturalmente, ele o faz da mesma maneira que o segundo garoto piscou e com o tique nervoso do primeiro: contraindo sua pálpebra direita. Ocorre, porém que este garoto não está piscando nem tem um tique nervoso, ele está imitando alguém que, em sua opinião, tenta piscar. Aqui também existe um código socialmente estabelecido (ele irá “piscar” laboriosamente, superobviamente, talvez fazendo uma careta – os artifícios habituais do mímico), e o mesmo ocorre na mensagem. Só que agora não se trata de uma conspiração, mas de ridicularizar. (GEERTZ, 1989, p. 16)

De tal modo, aponta-nos o desafio do pesquisador na distinção do que aparentemente é um simples “piscar de olhos” (GEERTZ, 1989, p. 27). Inspirar-se nesse conceito na pesquisa com bebês se torna primordial, já que bebês possuem formas de expressão diferenciadas dos adultos. Na ausência da fala, outras formas de expressão são colocadas em ação, durante as interações: as vocalizações (tom, intensidade, altura), os olhares, as expressões faciais, as mãos, os gestos, a movimentação do corpo, a

disposição física, o humor, entre outras. Enfim, múltiplas manifestações que nos exigem escuta e olhar sensíveis e atentos para que possam ser distinguidas e lhes sejam atribuídas um sentido comunicativo (assim como os tiques e as piscadelas de Ryle).

Certamente, ser pesquisador de bebês é desenvolver um olhar capaz de “enxergar além do óbvio” e compreender que reações, como, por exemplo, o choro, podem apresentar múltiplos significados. Por isso, anteriormente, a defesa por um olhar de pesquisa alargado, profundo, refinado, sensível aberto às singularidades, pois conseguir captar a sutileza, muitas vezes presente nos recursos expressivos dos bebês, é desafiante. Mesmo muito atentos às suas ações e estando apenas a favor da observação, corremos um risco real de particularidades das manifestações expressivas e atuações dos bebês permanecerem invisíveis devido, supostamente, ao nosso próprio olhar que é seletivo, marcado pela singularidade de nossas crenças, valores, visão de mundo ou pela própria dinâmica da rotina da creche, marcada pela coletividade, pela movimentação, pelas imprevisibilidades e muitos eventos concomitantes. Conscientes disso, procuramos “reinventar”, ampliar nossos olhares e sentidos, buscando alternativas, recursos de observação e ferramentas que nos auxiliassem nessa tarefa.

Nesse sentido, a filmadora se destacou como uma ferramenta tecnológica imprescindível na ampliação do olhar na pesquisa de campo. Foi possível captar o “invisível”, os detalhes, as minúcias, tudo aquilo que a limitação do olhar humano nos impediu de ver. Quão importante foi contar com esse recurso e poder, assim, revisitar várias vezes “o vivido” e encontrar novos, surpreendentes dados de pesquisa, ampliar as reflexões e chegar a conclusões muito enriquecedoras.

A nota abaixo descreve uma situação comunicativa entre três bebês: Elisangela³ (1ano e 1mês), Catarina (1ano e 1 mês) e Danilo (1ano) em torno de um interesse comum: canetas e papéis. Além de revelar a surpreendente capacidade de atenção, de comunicação, de cooperação e de compreensão entre os bebês, queremos destacar a

³ Recebemos autorizações dos pais para a pesquisa, a divulgação dos nomes e a exposição das fotos das crianças.

riqueza de dados coletados nessa interação e o papel fundamental da filmadora nessa captação:

Estávamos todos preparados para ir embora. Era uma sexta-feira, às cinco horas da tarde. As educadoras estavam sentadas em um banco próximo à porta e eu em uma cadeirinha infantil já com minhas bolsas do lado esquerdo apoiadas no chão, a filmadora dentro de uma delas, com meu caderno de campo no meu colo, com folhas avulsas dentro dele e uma caneta na mão. Elisângela se aproxima, pega uma folha e vai para perto do Danilo. Ambos manuseiam a folha, buscando abri-la. Catarina fica em pé ao meu lado, abre o caderno e, segurando a caneta na mão direita, tenta virar a folha com a mão esquerda. Elisângela, que está sentada no chão, olha para Catarina e diz “ã!”. Catarina continua concentrada e parece não perceber, então Elisângela se levanta – enquanto Danilo observa toda a ação -, segura na caneta e puxa-a da mão da Catarina. Elisângela consegue pegar a caneta, mas a tampa dela se solta e permanece na mão da Catarina, supostamente “perplexa” com o ocorrido”. Ela fica olhando para os adultos, enquanto Elisângela já desenhava em pé ao seu lado. Então Catarina tenta pegar a caneta da colega, Elisângela recua a mão, grita e continua desenhando em pé ao seu lado. Elisângela mostra seu desenho a Danilo que, sentado, a observa. Ele dá um gritinho e sorri! Catarina segura a mão de Elisângela (que segura a caneta), a colega tenta recuar o braço, mas Catarina levanta as mãos de Elisângela. Agora as duas seguram juntas a caneta! Com a outra mão, Catarina delicadamente leva a tampa na ponta caneta. Ao observar isso, Elisângela para de mexer o braço e ambas tentam por alguns segundos encaixar a tampa na caneta. Elisângela decide soltar a caneta deixando-a com Catarina, mas ela insiste enquanto os colegas observam. Depois de algum tempo, Elisângela retorna e diz “Aaaaaaaa”, balançando a caneta de cima para baixo – parecendo dizer “Ah, não você vai tentar isso até quando?” – e solta a caneta. Catarina tenta outra vez, mas logo perde o equilíbrio e cai. Danilo e Elisângela observam Catarina, que caiu. Elisângela manuseia seu papel de uma mão para a outra e com a mão direita, estica o braço e oferece o papel à colega, depois o coloca no chão. Catarina começa a desenhar. (06/07/12) (CUZZIOL, 2013, p. 119)

Foto I. Episódio Caneta.



Fonte: Arquivo da autora (2013)

Foto II. Episódio Caneta.



Fonte: Arquivo da autora (2013)

Foto III. Episódio Caneta.



Fonte: Arquivo da autora (2013)

Foto IV. Episódio Caneta.



Fonte: Arquivo da autora (2013)

Foto V. Episódio Caneta.



Fonte: Arquivo da autora (2013)

Foto VI. Episódio Caneta.



Fonte: Arquivo da autora (2013)

Foto VII. Episódio Caneta.



Fonte: Arquivo da autora (2013)

O caderno de registros não perdeu sua função, tendo sido, inclusive, muito utilizado pelos bebês que deixaram ali suas marcas revelando que conheciam a função cultural daquele objeto, como Hygor (1 ano e 6 meses) e Andressa (1 ano e 2 meses):

Estou sentada ao chão da sala. Alguns bebês jantam nos cadeirões com duas educadoras, outros permanecem no tapetão, enquanto a terceira educadora inicia as trocas de fraldas. Resolvo ler um pouco. Andressa permanece sentada muito próxima de mim. Hygor se aproxima e me observa lendo um livro com o auxílio de uma caneta marca texto fluorescente amarela na mão. Dirige-se até um amontoado de colchonetes e fica na ponta do pé para alcançar algo. Enquanto se esforça, imagino que procurar alcançar a chupeta dentre todas as coisas que ali estavam: chupetas, mamadeiras de água e a bandeja do jantar. Mas Hygor debruça-se ao máximo, estica bem o braço e pega uma caneta esferográfica. Aproxima-se de mim e começa riscar o meu livro. Depois de algum tempo, eu peço a caneta, ele me entrega e em troca lhe dou a caneta marca texto. Hygor abre-a, observa a ponta da caneta e foge. A cerca de um metro e meio, passa a me observar. Eu convido-o a se reaproximar. Ele estica a mão que segura a caneta em minha direção. Eu refaço o convite “Vem, Hygor!”. Andressa que observava a situação desde a aproximação de Hygor, olha e mexe a cabeça negativamente. Por mais duas vezes, chamo o Hygor e ele faz o mesmo movimento com a caneta simulando que vai entregá-la, mas permanece parado no mesmo lugar. Andressa repete o movimento negativo ao observar que Hygor não vinha ao nosso encontro. Hygor começa a andar pela sala com a caneta na mão, enquanto Andressa

abre a caneta esferográfica e começa riscar meu livro. (13/09/2011)
(CUZZIOL, 2013, p.135)

Entre nossos garranchos, característicos de uma escrita rápida que busca não perder nenhum detalhe às reflexões posteriores e aos rabiscos de bebês, o caderno teve como principal função registrar o que tinha sido visto, ouvido e sentido a partir de um olhar sem mediação de instrumentos tecnológicos (câmeras fotográficas, filmadoras), mas a partir do nosso olhar direto, sedente por compreender a alteridade “ao vivo e a cores”:

Como de costume, me sento ao chão. Ao chamado de uma das educadoras, me levanto, e deixo minha caneta e meu diário de campo (um caderno amarelo de capa dura) no chão. Ao observar de longe, vejo Andressa (1 ano e 2 meses) desenhando. Ícaro (1 ano e 2 meses) avista minha bolsa azul-transparente no chão próxima ao berço. Engatinha próximo à bolsa e senta-se ao lado dela. Tira da bolsa meu diário de campo, (o caderno amarelo de capa dura), começa a folheá-lo e encontra algumas páginas de ofício grampeadas com anotações (levantamento que havia feito sobre bebês em sites de pesquisa). Destaca uma folha. Segurando o bloco, engatinha até a lateral do berço, se senta e destaca mais folhas. Agacha-se e coloca as folha embaixo do berço! (22/06/12) (CUZZIOL, 2013, p.12)

“Viver à moda bebê” retrata nossa trajetória de pesquisa e as estratégias metodológicas utilizadas para captar as interações entre os bebês e suas linguagens expressivas, que nos possibilitaram uma coleta de dados com dezenas de vídeos, inúmeras fotos e um diário de campo repleto de anotações. Como pudemos ver nos dados de campo aqui compartilhados: nos rabiscos de Andressa e Hygor, no chamado para interação de Andressa, a busca e a exploração do caderno de campo por Ícaro, o olhar observador de Danilo na interação entre Catarina e Elisângela. (CUZZIOL, 2013)

Uma coletânea riquíssima em interações que evidencia a disponibilidade e a capacidade socioculturais da espécie humana desde o nascimento, revelando um bebê potente, disposto e capaz de participar da cultura em que nasceu, interagindo, vivenciando, posicionando suas vontades. Os resultados de pesquisa revelam tanto essa disponibilidade de interação e de comunicação entre os bebês, quanto suas capacidades

de resolver problemas, de aprender uns com os outros e de aprender com e sobre a cultura⁴.

Encontrar tais resultados foi possível devido à escolha metodológica que fizemos. Inspirar-se na etnografia é escolher entregar um pouco (ou muito) de si ao outro, visto que a busca por compreendê-lo implica uma disponibilidade que está atrelada à nossa esfera afetiva. Acreditamos que muitos etnógrafos jamais teriam revelado tanto a respeito das culturas estudadas, se não estivessem “com/à vontade” para viver com a alteridade. Assim, disponibilizar-se, em diversos sentidos, em busca da compreensão do outro somente tem significado, se gostarmos de fato do que estamos pesquisando.

O resultado da produção desta pesquisa, parte aqui compartilhada, revela a nossa satisfação em tê-la realizado, por meio da sintonia de nossos olhares sobre infância, nossas crenças e sensibilidade como pessoas, o entrelace de nossos conhecimentos, nossa escolha em “mergulhar na vida coletiva iniciante”. Uma rica vivência científica que marcou nossas histórias por meio de encontros com bebês e lições inefáveis:

Objetar-se-á que pode, é claro, ser o caso do etnólogo. Com diferença, porém de que este se esforça por razões metodológicas (e evidentemente afetivas), em colocar-se o mais perto possível do que é vivido por homens de carne e osso, arriscando-se em perder em algum momento sua identidade e a não voltar totalmente ileso dessa experiência. (LA PLANTINE, 1987, p.151)

E certamente não se retorna ileso...

“Andressa (1 ano e 2 meses) me observa desde que eu cheguei à sala. Quando olho em sua direção, ela me responde sorrindo e me chamando com as mãozinhas. Sorrio e faço o mesmo. Andressa vem correndo quase “cambaleando” ao meu encontro” (12/09/11) (CUZZIOL, 2013, p. 80).

⁴ Como expresso, o objetivo deste texto foi realizar uma reflexão sobre a metodologia de pesquisa com bebês. Citamos alguns apontamentos sobre os resultados como forma de compartilhar com o leitor as respostas que a metodologia assumida possibilitou aos questionamentos iniciais de pesquisa, que aparecem no 3º parágrafo deste artigo. Maiores detalhes sobre os resultados da pesquisa podem ser acessados em Cuzziol (2013).

Encantamo-nos, refazendo-nos como pessoas, pesquisadores, constantes aprendizes de bebês. Pesquisar bebês é sempre uma experiência surpreendente e encantadora. Não há absolutamente um dia em que os bebês dos GREIs 0 não tenham nos surpreendido, ao revelarem suas capacidades socioculturais. E foi justamente durante essa convivência, que descobrimos, respectivamente, assim como o personagem de Manoel Barros, que “Água não era ainda a palavra água” e “Pedra não era ainda a palavra pedra”, que bebês não são - como convencionalmente determinados – meros sujeitos biológicos.

Quantos registros, fotos, filmagens, reflexões que nos possibilitaram confirmar que bebês são “livres de gramáticas” (convenções sociais, por vezes estigmatizadoras) e que podem muito mais do que suas aparentes fragilidades (sua carcaça de bebê biológico). Logo, revelam que não são menos evoluídos e universais, mas seres humanos extremamente capazes intelectualmente e atrelados à cultura na qual nasceram. Humanos pequenos em estatura, imaturos no desenvolvimento da fala, mas completamente capazes de “dar às pedras costumes de flor”, “dar ao canto formato de sol” e se “quisesse(m) caber em uma abelha, é só abrir a palavra abelha e entrar dentro dela”. A incrível capacidade humana se revela desde o nascimento.

REFERÊNCIAS

BARROS, Manoel. **Poemas Rupestres**: 2004 In: Biblioteca Manoel de Barros [coleção]. São Paulo: Leya, 2013.

CORSARO, W. A. **We're friends, right?:** Inside kids' culture. Washington, D.C.: Joseph Henry Press, 2003.

CUZZIOL, Ana Paula G. **Pequenos- gigantes entre si**: notas etnográficas acerca da capacidade e disponibilidade dos bebês em viver socioculturalmente. 2013. 155f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2013.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Editora Guanabara Koogan, 1989.

LA PLANTINE, François. **Aprender Antropologia**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1987.

LOPES, Jader Janer Moreira; VASCONCELLOS, Tania de. Geografia da Infância: Territorialidades Infantis. **Currículo sem Fronteiras**, v. 06, n. 1, p. 103-127, jan-jun 2006.

MALINOWSKI, Bronislaw C. **Argonautas do Pacífico Ocidental**. Tradução Anton P. Carr. São Paulo: Abril Cultural, 1976.

TOMASELLO, Michael. **As origens culturais da aquisição do conhecimento humano**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.